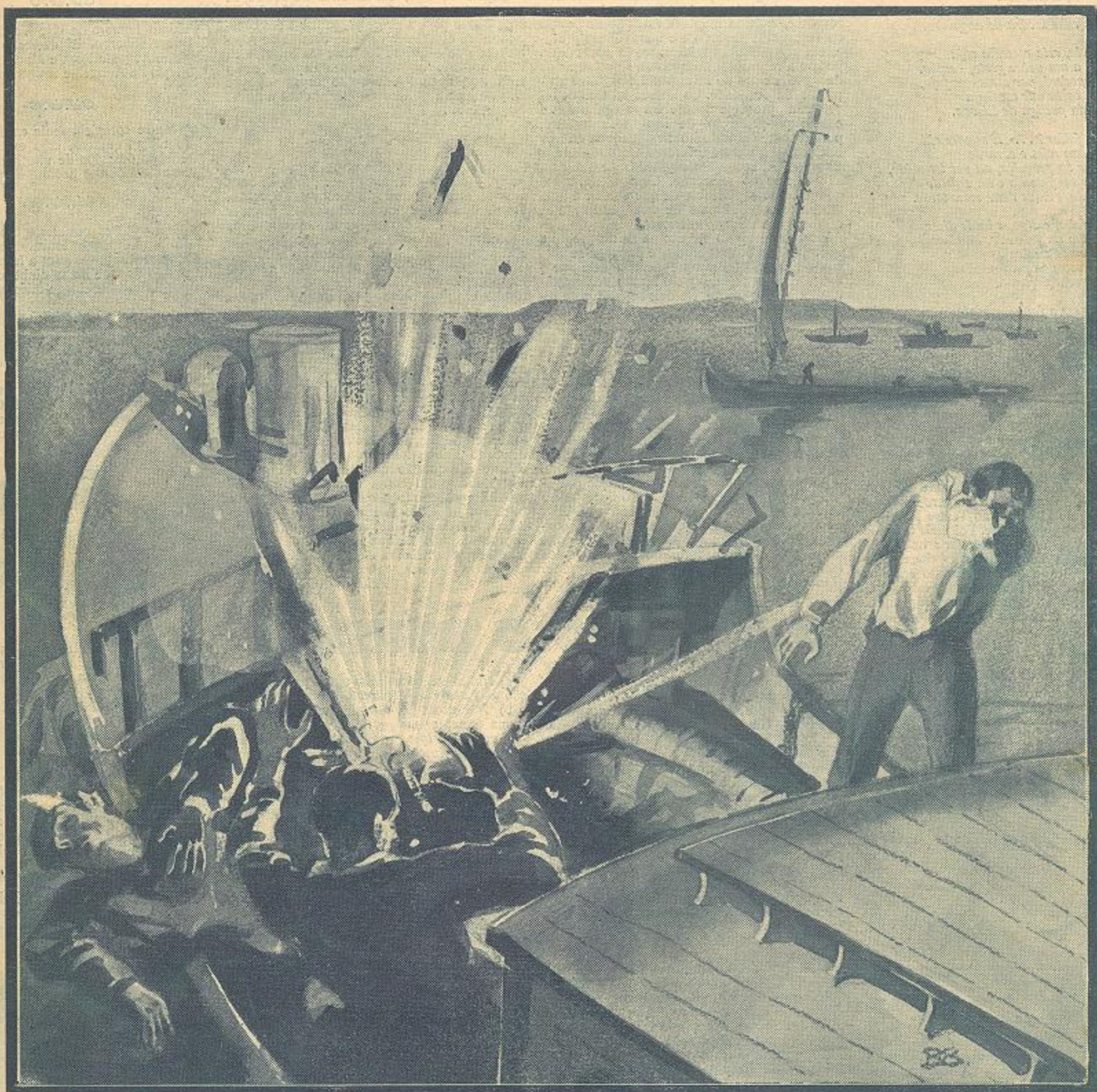
12 PAGINAS NUMERO AVULSO 1 ESCUDO 12 PAGINAS

O DOMINGO ilustrado

SEMANARIO
R. D. PEDRO V-18
TELF. 631-N. LISBOA

AGENTES EM
TODA A PROVINCIA
COLONIAS E BRAZIL

NOTICIAS & ACTUALIDADES GRAFICAS ~ TEATROS, SPORTS & AVENTURAS ~ CONSULTORIOS & UTILIDADES.

A horrivel explosão do "Albatroz"

Em frente á Ribeira Nova, num gasolina da policia maritima, deu-se uma terrivel explosão no motor. A essencia, inflamada, subiu em altas labaredas e quatro homens ficaram gravissimamente feridos, embora, abandonando o barco, se atirassem ao rio.

O DOMINGO ilustrado

ANO I — N.º 16

LISBOA 3 DE MAIO DE 1925

PROPRIEDADE DA EMPREZA O DOMINGO Ilustrado

REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS—R. D. Pedro V, 18—Tel. 631 N.—DIRECTORES: LEITÃO DE BARROS E MARTINS BARATA — EDITOR LEITÃO DE BARROS—IMPRESSÃO—R. da Rosa, 99

Má lingua

O RESCALDO . . .

Extintca a palmatoria da censura
podemos começar a censurar
e dar largas a um pouco d'a amargura
que seria cortada a tinta escura
—se a gente a não soubesse disfarçar.—

É que, por mais que ao canto do jornal
eu queira chalacear com graça ou ronha,
até a mim me parecia mal
casquinar esse riso artificial
quando nos cahe a cára de vergonha.

Isto, esta lucta, esta comedia suja
que sucedeu a um nobre gesto,—enjôa.
E ninguem poderá, por mais que fuja,
isolar-se da besta que escabuja
na enlameada pocilga de Lisboa.

«Cêdo para fallar ? . . .» É sempre cêdo
para o egoismo reles e covarde
de quem, por ter preguiça, ou por ter mêdo,
só diz muito em familia e em segrêdo
o que a Verdade hade dizer mais tarde.

Porisso eu fallo, e digo, e heide dizer,
—com orgulho em fallar . . . inutilmente,-
que o que vemos e estamos para ver
mais asqueroso não podia ser
entre suinos com feições de gente.

Se Deus tirasse o fato agaloado,
a certos figurões de almas marrécas,
que não córam de o ver enxovalhado,
—eu ia ás cinco horas para o Chiado
ver muita gente a passear em cuécas!

TAÇO

comentarios

Thomaz Colaço, o nosso brilhante colaborador, dedicou no ultimo numero de *O Domingo* a sua *Má lingua* ao Teatro Novo que vai abrir muito em breve. Foi mais uma inofensiva «charge» a que deu logar a bela iniciativa de Antonio Ferro—iniciativa cheia de honestas intenções e que está muito acima da chocarrice intriguista que infelizmente asfixia todos os meios portuguezes, e, principalmente pelas suas propensões, o meio teatral.

Estando muitas pessoas d'esta casa de alma e coração com a linda, desinteressada e curiosissima tentativa, o simples facto de neste jornal sair essa «blague» tira-lhe desde logo qualquer intenção reservada. *Taço* foi muito gracioso—e o Teatro Novo ficará sempre, mesmo que caia redondamente, como um grande passo para a frente, que nos cumpre agradecer ao espirito novo de Antonio Ferro.

SUPREMA DESILUSÃO

Horror! O teu nome numa agencia de casamentos . . .
Ela:—Ent ão filho . . . estavas tão doentinho o ano passado . . .

questão prévia

A mais prospera e fecunda industria nacional é, sem contestação possivel, a do boato.

A nossa imaginação, que atravez duma já longa historia literaria manifesta uma grande pobreza de faculdades criadoras pela deficiencia na cultura do teatro e do romance, é duma ilimitada vastidão no campo da fantasia. O absurdo e o maravilhoso prevalecem no nosso espirito sobre a observação justa e a reconstituição rigorosa. Rebolamo-nos de goso dentro do inverosimil e fugimos arripiados da realidade. Os nossos habitos de inveterada preguiça favorecem singularmente esta super-produção de imaginosa fantasia, porque não dá trabalho nem sequer esforço intelectual o deixar o cerebro em liberdade, a trabalhar em seco, sem sujeitar o pensamento á correcção do raciocinio. Com efeito, todos nós temos a experiencia de que sonhar é uma faculdade independente de que gosam até os cerebros dos animais inferiores.

Achando propicio terreno na nossa preguiça intelectual, o boato germina e propaga-se com incrivel facilidade, porque nem aquele que o concebe nem aquele que o recebe se incomodam a aplicar sobre ele dois segundos de reflexão e raciocinio.

* * *

A avaliar pela forma porque se espalham e acreditam os boatos nesta epoca de relativa facilidade de comunicações, calcule-se o que seria nos tempos em que não existiam os jornais, o telefone, o telegrafo com e sem fios, os caminhos de ferro e os automoveis, quando só de ano a ano se sabiam novas da India e em que os indispensaveis desmentidos, portanto, levavam a manifestar-se tanto tempo que chegava, certamente, para consolidar o boato como verdade historica. A nossa historia deve estar iriçada destas criações de fantasia avulsa, boatos transmitidos tradicionalmente de geração em geração, deturpadores dos homens e dos factos. E aí temos a provar que isto deve ter sido sempre assim o recente livro do general sr. Morais Sarmento em que se apontam os erros e as fantasias a que deu cunho historico a auctoridade do patriarca dos cronistas, o remoto Fernão Lopes, acêrca da vida e obras de D. Pedro I.

Depois do que, em materias de boatos, se passou na semana finda nesta cidade de Lisboa, é caso para a gente preguntar á sua consciencia se está bem certa da batalha de Aljubarrota e se o que se conta de ter Bartolomeu Dias dobrado o cabo da Boa Esperança não teria sido apenas um boato espalhado por D. João, para animar os marinheiros a novas emprezas . . .

* * *

Seria curioso, se não fosse impossivel, seguir o boato até á sua origem, indo de boca em boca até ao cerebro que o houvesse chocado. O que naturalmente sucederia era que o forjador do boato, á força de ouvir repeti-lo, com novos pormenores, já estaria convencido de que tinha adivinhado uma verdade corrente.

Falo, por experiencia propria. Uma vez, em Coimbra, o dr. Guilherme Moreira, lente de direito civil, que nunca faltava ás aulas, faltou a uma do terceiro ano. Nos Gerais era grande a extranhesa entre os rapazes, que ainda teimosamente aguardavam a chegada do mestre, não acreditando que ele faltasse em cheio á sua aula. A um condiscipulo que me interrogava sobre o extranho fenomeno lembrei-me de dizer, por mera fantasia de ocasião, que o dr. Guilherme Moreira não daria aulas nesse dia por ter ido a Marco de Canavezes fazer uma defeza. Um simples raciocinio teria evidenciado a inconsistencia da «galga», porque o lente em questão não advogava. Pois d'aí a pouco o boato corria como verdade incontestada e havia até já quem afirmasse que se tratava dum processo-crime de grande importancia. E foram-se todos embora e eu com eles, convencido não de que largava uma mentira, mas de que adivinhára uma verdade.

FELICIANO SANTOS

por todo o mundo

D grande facto—mais do que politico, historico mesmo—da semana passada, foi a eleição do marechal de Hindemburgo para presidente do Reich. Por toda a Europa foi como que uma vasta sombra a alargar-se, e atraz do marechal viu-se subir para a cadeira curul de chefe da imperial republica o espirito bellicoso, a arrogancia militarista, o imperialismo e a «revanche de todo o povo alemão.

Presta-se a largos comentarios este facto; mas aquele que mais nos parece digno de ser posto em destaque, é a atitude da Inglaterra perante o mesmo.

Porque ninguem acreditará que, nesta hora, essa eleição foi possivel sem ao menos um pequeno aceno afirmativo da cabeça da grande Inglaterra . . .

E' sobre isso que se deve particularmente meditar.

* * *

Um grande jornal norte-americano, o «World» entrevistou o celebre marechal, e fez-lhe, como aliás é costume nas entrevistas historicas, algumas perguntas indiscretas.

Entre essas, citemos a seguinte:

«Favorecerieis vós um plebiscito pela monarchia?»

E von Hindemburgo respondeu só:

«Um plebiscito deve exprimir a vontade livre do povo, sobre a qual a influencia presidencial não se pode exercer».

. . . E não negou a possibilidade desse plebiscito.

Mais ainda, na sua resposta vê-se bem o que ele julga ser a vontade livre do povo alemão.

* * *

Notemos agora:

a) Nunca se falou tanto numa proxima junção da Austria á Alemanha.

b) A Polonia aliou-se á Tchéco-Slovachia, numa «entente» amigavel.

E ver-se-ha que nuvens são as que se acastelam no horizonte.

* * *

Os extranhos crimes comunistas de que a Bulgaria tem sido teatro já teve um resultado digno de nota.

Foi autorisada pelas potencias aliadas a ter mais alguns milhares de homens em armas, apesar da má vontade da Yugo-Slavia e da Grecia.

* * *

A proposito da politica interna da Bulgaria, deu-se no parlamento inglês um incidente que serve para lançar mais luz sobre o papel que a Inglaterra desempenha hoje em dia na Europa.

Foi o caso que o Sr. Chamberlain declarou em resposta a interpelações ácerca da situação da Bulgaria, que não tem deixado de fazer os seus «avisos» aos altos poderes bulgaros.

E' interessante . . .

Sente-se que na Alemanha se procede á eleição presidencial auscultando-se a Inglaterra..,

Na França não se fala em crises ministeriaes, sem se olhar para a Inglaterra . . .

Ela faz avisos á Bulgaria . . .

Etc. Etc. Etc.

. . . Por pouco, não é a Europa uma especie de grande escola, em que a Inglaterra figura de mestre.

E mestre com férula! . . .

A. ROCHA PEIXOTO

écos

O Sr. Dr. Mario Duarte regressou de Paris onde teve ocasião de proceder a varias «démarches» no sentido de obter a entrada de peças portuguesas nos teatros de França. Trata-se duma propaganda inteligente e louvabilissima da cultura portuguesa, tendo o nosso amigo encontrado, por parte de M. Alexandre entusiasmos e facilidades para o seu patriotico intento.

Julio Dantas deverá ir á scena na «Comédie»

O ultimo numero da «De Teatro caricatural» vem soberbo. E' dedicado aos mortos Virginia, Augusto Rosa e Marcelino.

O lapis de Amarelhe mais uma vez triunfou.

Esgotou-se completamente em Lisboa o nosso ultimo numero, cujo exito foi enorme. Pedimos desculpa de não atendermos imediatamente todos os pedidos da provincia.

As contribuições camararias continuam sendo uma verdadeira loucura. Augmentam dia a dia, nada chegando para a furia de despezas do Municipio, que muito dinheiro precisa para manter Lisboa na cidade mais imunda da Europa.

AGRADECEMOS as amabilissimas referencias do *Diario da Tarde*, o brilhante jornal vespertino.

O esplendido periodico tem inserido fundos assinados por V. Falcão e Julião Quintinha que produziram sensação pela nobreza e elegancia de fórma, revelando muito, sob uma nova face, aqueles dois publicistas.

NOUTRO logar publicamos uma critica humoristica de André Godim aos «Naufragos». Apesar do sucesso indiscutivel que coroou todo esse espectaculo, achamos que um espirito humoristico como o André Godin tem o direito de se expandir sempre, mesmo como neste caso, estando ele em casa das pessoas de quem se ri.

ALGUNS artistas pensam na organisação duma homenagem ao pintor Carlos Reis. O grande mestre da pintura contemporanea, que tem uma vida de impecavel e honesto labor artistico, bem a merece. Este jornal associa-se desde já á referida festa.

VAMOS lançar uma publicação destinada de certo a um enorme exito, a Novela do Domingo. Trata-se de pequenas novelas, escriptas pelos melhores escriptores e bem ilustradas, as quais entretêm explendidamente algumas horas e agradarão a todos os paladares literarios.

OPERAÇÃO SIMPLES

—Está aqui um frio medonho, oito graus . . .
—Oh! filha, se quizeres abre-se a janela—como lá fóra estão sete, oito e sete, quinze . . .

O que se vê

EXPOSIÇÃO DE ADELAIDE LIMA CRUZ E DE SUA FILHA MARIA ADELAIDE

A Sr.ª D. Adelaide Lima Cruz, que é uma notavel artista cheia de delicada e fina sensibilidade, e uma professora de meritos de ha muito reconhecidos, apresenta no Salão Bobone, com sua filha, a já apreciada artista Maria Adelaide Lima Cruz, mais um certame de pintura.

Fogem sempre da banalidade corrente as exposições destas gentis senhoras, a quem um publico de elite fiel e entusiasta rende sempre o mesmo fervoroso culto. A exposição deste ano, que marca, mais uma vez a aplicação inteligente das faculdades já apreciadas em anteriores certames, vale uma demorada, atenta e carinhosa visita.

Não citamos, por inutil, numeros do catalogo — limitando-nos a endereçar a M.me e Mademoiselle Lima Cruz, o sincero desejo de que o publico, sempre favoravel á sua arte, corresponda de novo ao entusiasmo com que as duas pintoras felizmente trabalham.

ÉXPOSIÇÃO DE AGUARELAS DE MARTINS BARATA

Martins Barata, primeira medalha em aguarela pela Sociedade Nacional de Belas Artes, representado nos muzeus de Lisboa e Madrid, abre ao publico a exposição dos seus trabalhos na proxima quinta feira no Salão Bobone.

CONFERENCIA CONCERTO

Realiza-se na quinta feira, 7 no salão do Teatro de S. Carlos uma conferencia-concerto pelos maestros Viana da Mota e Francisco de Lacerda.

E' primeira das conferencias promovidas pela União Intelectual Portuguesa.

As memorias do actor

ROLDÃO

POR SEU FILHO
HENRIQUE ROLDÃO

O grande actor popular Roldão, cuja vida scenica é cheia de pictorescos aspectos vai ter as suas memorias. Publica-las-hemos em folhetins assignadas por seu filho, o brilhante humorista e comediografo Henrique Roldão.

Tanto pelo imprevisto do assumpto como pelo espirito do escriptor está desde já assegurado um exito ás memorias do

ACTOR ROLDÃO

DISTRAÇÃO

Ela para o marido que, sae com a mãe:
— Oh! filho não te distraias por causa da mamã...
— Eu, «distrair-me...» com a minha sogra !?

OS NOMES DAS MULHERES

ASSIM como pelo dêdo se conhece o gigante e, pelo andar da carruagem, se adivinha quem transporta, um camaradão qualquer, d'estes que se entreteem muito com o que aos outros não entretem nada, descobriu que o nome de cada um, é a sintese, o retrato, a essencia da pessoa que o usa.

Dei-me ao trabalho de estudar a obra e de a confrontar com as varias pessoas que conheço e, pasmem os que não acreditam nos altos poderes das psicologias, achei que o auctor do tratado tinha muito mais razão do que parecia á primeira vista.

Efectivamente cada mortal, principalmente as mulheres, teem no nome proprio, a sumula das suas qualidades e defeitos. Procedi a exemplos vivos e nenhum me falhou. E assim, é que apresento hoje aqui o fructo do meu paciente trabalho, certo que será ampliado por todos quantos se interessem por coisas de analise geral.

Pelos estudos que fiz, conclui por exemplo que as *Adelaides* são optimas donas de casa, amigas de gatos, quando transportam os cincoenta anos, e com grandes faculdades para parteiras quando ainda não atingiram os trinta.

As *Augustas*, as *Antonias*, as *Amelias* e as *Anas*, são propensas ás deitadelas de cartas, não teem a dança em grande gosto e pelam-se pelas «matinées» de cinema.

As «Alices» e as «Aldas», são sempre muito namoradeiras, as «Alziras» preferem os rapazes da Escola de Guerra e as «Auroras» endoidecem quando ouvem tocar guitarra.

«Beatrizes» e «Brancas» são dádas a leitura e sofrem quasi sempre de «poetisite», uma doença que dá muito na montra da livraria «Portugalia».

As «Carolinas», morrem pelas cantigas e pregam optimamente botões. As «Angelas» são pacificas, sofredoras e muito dadas a fazer guloseimas.

As «Judits», as «Saras» e as «Raqueis», pintam almofadas, não gostam dos homens baixos e usam pessima caligrafia.

As «Emilias» são carinhosas, meigas, gostam de passar roupa a ferro e levantam-se muito cedo. As «Irenes» e as «Francelinas», falam pelos cotovelos, sabem a vida de toda a visinhança, preferem os vestidos berrantes e quando passam vão sempre a olhar para traz.

As «Helenas» e «Luizas» nunca sabem o que querem, são incapazes de estrelar dois ovos, teem a mania de que são requestadas por todos os homens e os miolhos não lhes servem para nada.

As «Izabeis» e as «Reginas», são muito uteis para ensinar papagaios a falar, fazem pantufas na perfeição, gostam do chá com pouco assucar e são atreitas a dores de dentes.

As «Rozas» são alegres e cantadeiras, as «Virginias» intrujonas, as «Bertas» religiosas e amigas de fazendas pretas, as «Candidas» ciumentas e muito boas cozinheiras.

As «Filomenas» são vaidosas e teem os pés grandes. Em geral são gordas e gostam de ferrar a sua bofetada muito á sucápa.

As «Miquelinas» e as «Gertrudes», sabem passajar roupa na perfeição, e limpam lindamente fatos a benzina.

As «Manoelas» sabem todos os «fox-trots», teem vastas coleções de cartas de namoro e usam as pernas tortas.

«Armindas», «Leopoldinas», «Evangelinas» e «Josefas», dizem mal de todos os homens se algum não casou com elas, padecem do peito, teem medo dos ratos e ficam furiosas quando alguem não lhes oferece logar no electrico.

As «Margaridas» estão sempre convencidas que ha de chegar o tal homem sonhado de proposito para casar com elas, sofrem dos cálos e pintam as faces exageradamente.

As «Esteres» teem mau genio, são autoritarias, fingem-se umas santas mas são danadas por partir a louça quando as contrariam.

As «Deolindas» e «Fernandas» julgam-se sempre uns portentos de beleza, mentem com um descaramento que até parece verdade e variam de côr de cabelo com a mesma facilidade com que nós se lavam.

As «Madalenas» levantam-se tarde, gostam de passear á noitinha e teem mau halito.

As «Sofias», as «Joanas» e as «Joaquinas», levam noites inteiras a jogar a bisca a feijões, não gostam da costura e a unica coisa que sabem fazer é falar.

As «Lauras» são falsas, as «Honorinas» sentimentaes, as «Violantes» piégas e as «Carmens» umas desenxabidas, sem graça alguma, incapazes de mexer uma palha.

As «Julietas» são intriguistas e dão umas gargalhadas que furam os ouvidos á gente, as «Emas» e as «Albertinas» senhoras de pernas muito bem feitas.

E finalmente as «Marias», doceis e amorosas, faceis de intrujar, choram por qualquer coisa, sabem fazer tudo, tão depressa teem ciumes de um como de outro e com uma predileção especial pelas noites de luar e pelos rapazes estupidos.

De todos os nomes de mulher, só um, um unico escapou ao meu poder psicologico, á analise fria e pertinaz da minha observação: o da leitora... se não é nenhum dos que apontei.

HENRIQUE ROLDÃO

CINEMAS

OS FILMS DA SEMANA

Boxeur aristocratico: — Um film que todos os apologistas e detractores da «nobre arte» deviam ver para depois falar. Os primeiros para dizerem bem com mais conhecimentos do que os que apresentam, os segundos para nunca mais dizerem mal. «Reginald Denny», um Apolo moderno, com o corpo técnico e artistico da «Universal», conseguiram a «perfomance» notavel de realisar uma serie desportiva que o publico logo segue com entusiasmo e fervor.

Fogo sagrado: — Bom film americano, com notaveis interpretes e á testa d'eles Cullen Laudis, um «star» incontestavel. Argumento um pouco frouxo, salvo pela realisação.

Mater dolorosa: — Mais um pastelão indilgesto dos de que o Olimpia tem o segredo culinario. O fornecedor d'aquele cinema (estilo interno de pasta de dentes) parece ter comprado um grande saldo fóra de todo o uso, produções tudescas ou austriacas da ultima categoria, com as varias Makowskas decadentes que nem os italianos já queriam. Sucessivamente, foram impingidas «A garçone moderna» (celebre burla publicitária) «Ilha do amor» etc. Agora, a «Mater dolorosa» coroa a série por ser a peor de todas.

Tesouro dos indios: — Já aqui nos referimos á boa série de Pearl White que o Central continua exibindo. E' na verdade um belo trabalho de enscenação de Geo B. Seitz.

A semana, caracterisou-se pela ausencia quasi absoluta de fitas comicas de valor o que é pena, pois são elementos de seguro agrado dentro dum bom programa.

A lei prohibe: — O melhor film da semana. Belo argumento cheio de novidade e uma interpretação superior da pequenissima Baby Peggy, cinco anos de idade que vão conquistando rapidamente a celebridade.

ÉCRAN

Sports

A Taça de Inglaterra

O triunfo de Sheffield United

Na formidavel «cuvette» que é o Stadium de Wembley, em Londres, perante 120 000 entusiastas realisou-se a 50.a final da Taça de Inglaterra, entre a equipe ingleza do Sheffield United e o club do Paiz de Galles, Cardiff City.

Após uma lucta energica e severa, a victoria sorriu aos inglezes, batendo os adversarios por 1 a 0.

A constituição dos grupos apresenta qualquer cousa de inedito. Na equipe de Sheffield, todos os jogadores são inglezes e dos arredores d'aquela cidade, com excepção do seu capitão, o veterano Gillespie, natural da Irlanda e detentor de desoito «cap» irlandezas.

Mas no onze de Cardiff, a mistura de raças e nacionalidades é enorme. Um guarda-rêde irlandez, sete vezes internacional, dois defezas escocezes, ambos internacionaes e um deles capitão do grupo, um medio centro de Gales, quinze vezes internacional e capitão da equipe nacional do seu paiz, ladeado por dois medios inglezes.

Finalmente nos avançados, dois extremos e um interior esquerdo nacionaes, com um centro e um interior direito inglezes.

Recapitulando, quatro inglezes, quatro de Galles, dois escocezes e um irlandez, na equipe de Cardiff City, primeiro finalista não inglez da Taça de Inglaterra.

Cardiff City foi fundado em 1910 e é ainda o unico club do Paiz de Gales, actuando na primeira e segunda divisões do Campeonato da Liga.

Em 1921, Cardiff atinge a 2.a divisão e atravessa-a numa unica epoca!...

Em 1922 o Paiz de Galles contava enfim um representante entre os 22 clubs da primeira divisão.

Na grande final, os avançados de Sheffield numa coordenação perfeita de esforços foram ameaçadores numerosas vezes, mas o unico goal marcado, resultou dum cafouillage, deante das rêdes de Cardiff.

No intervallo, a multidão entoou o hino nacional do Paiz de Galles.

No 2.o tempo, o jogo manteve-se equilibrado e o score não foi alterado.

A victoria merecida da Sheffield causou um entusiasmo louco entre os inglezes, que recearam sempre e com motivo que a Taça fosse ganha pela 1.a vez por equipe não ingleza.

Na assistencia dum encontro de foot-ball nunca se notou um numero tão elevado de mulheres.

No final do match a popular e graciosa duqueza de York, ha pouco chegada de Africa, entregou a famosa Taça e as medalhas d'ouro, aos felizes vencedores.

Sheffield United inscreveu assim pela 4.a vez o seu nome no celebre Trofeu.

C. LEAL

COMBATES DE BOX

A REUNIÃO DE 22 DE ABRIL NO COLISEU—POBRE KID—SANTA E A DEGOLA DOS INOCENTES—CRESPO DISPÕE FACILMENTE DE PRIE

Folgo com o recente comunicado da Federação e espero vêr adoptadas, nas proximas reuniões, as disposições previstas para a instalação do ring.

O tempo mostrará que temos razão em confiar no trabalho dos actuaes dirigentes da F. P. de B. e que as bicadas que lhes teem dirigido são descabidas.

A reunião de quarta feira, mostrou, mais uma vez, que o publico corre quando os organisadores teem desejo de acertar.

* * *

A necessidade de dar trabalho a Y. Mars custou a K. Augusto uma meia hora dolorosa.

Não póde ser assim. O pobre Kid está muito verde para tamanhos emprehendimentos. Não ha resistencia possivel para tal desigualdade de «métier».

O francez—que a engordar assim ainda veremos, capaz de se medir com Santa—tirou o ventre de miserias, com uma victoria pouco gloriosa. Foi demasiado exuberante e espectaculoso. Não havia razão para se surprehender tanto com as faltas involuntarias do negro, e muito menos para responder a essas com faltas irregulares conscientes e graves. O ultimo encontrão, antes K.O, não tem a minima desculpa. do

Se Mars tivesse uma direita rasoavel, a agonia de Kid seria menos aflictiva.

A obra de destruição foi toda da esquerda, na verdade por vezes agradavel, graças á ingenuidade do pretinho. Este coitado fez o que poude, exibindo as suas excepcionaes qualidades natas de insensibilidade. Mas tudo tem limites, e a certa altura...

Bem podiam os auxiliares de Kid ter evitado o triste espectaculo do seu K-O, que eles deixaram passear no ring abusivamente.

Deviam ter removido a victima promptamente.

Já outro dia disse: Santa-Morgan—como Santa-Vermaut—são combates possiveis apenas no papel. Não quiseram acreditar...

Fez-me pena vêr delirar o publico com a victoria do gigante, porque receio que os organisadores mandem vir mais inocentes...

Embora seja dificil prognosticar o futuro de Santa, devo no emtanto notar que tem digerido os ensinamentos ministrados.

Já apanhou uma guarda sofrivelmente alinhada, e vimo-lo dobrar com acerto.

O misterio da sua carreira está no grau de endurence e na malialidade que é susceptivel de adquirir.

Crespo bateu Prié, facilmente, ao 2.o round, por K-o, com um uppercut que me pareceu ter chegado um instante depois da voz de separar.

Se houve realmente esta diferença de tempos, a verdade é que o golpe não podia já sustar-se e Crespo não tem responsabilidade da falta.

O nosso campeão fez um bom combate que me deixou uma optima impressão da sua excelente condição fisica e dos seus nitidos progressos.

O francez, que deve ter sido um meio-leve geitoso, fez dois rounds bonitos, com algumas fases vistosas, mas foi impotente para conter a energia de Crespo, que o dominou em força desde o começo.

E' justo reconhecer que Tavares Crespo nada se parece hoje com o adversario de Faustino.

A persistencia do seu trabalho e os combates com homens experientes, teem-no modificado inteiramente. O trabalho nos «corps à corps» surpreheudeu-me. E' destructivo e rapido.

E' tempo de fazer em Lisboa um combate bom com Crespo. Ele está em condições de ser oposto a uma 1.a serie franceza ou equivalente.

Parece-me mal habituarem-no a homens mais leves. O seu peso—64 kg.—não augmentando, é excelente, desde que ele conserve a faculdade de fazer o limite dos «leves». A entrada definiva nos «meios-medios» prejudica-lo-hia.

* * *

Anibal Fernandes arbitrou rasoavelmente, ápart uma justificada atrapalhação no final do encontro Mars-Kid.

Borges de Castro se quizer continuar a aprender e não se convencer, antes de tempo, que sabe o bastante, faz-se um arbitro.

F. GUEDES

WATER-POLO

OS CAMPEONATOS DESTE ANO

Não podemos ainda assegurar onde este ano se efectuam os campeonatos de Water-polo, no entanto, parece ser desejo realiza-los no tanque da Casa Pia de Lisbôa.

Somos concordes em que os desafios de Water-polo se realisem em piscina, mas, nunca, num tanque como o da Casa Pia, em Belem. que tal como está hoje, não oferece as condições indispensaveis para ali se disputarem provas.

A agua do referido tanque não é consecutivamente renovanada nem as suas paredes são amiudadas vezes limpas, e portanto, não tem condições higienicas. Não ha balneario para nadadores se lavarem antes de ingressarem no tanque; não ha uma fiscalisação medica, que proiba aqueles nadadores, (felizmente em numero muito resumido) que não têem a comprensão do que seja uma piscina, ali se banharem, quando doentes, não só lhes prejudica a sua saude como a dos restantes nadadores; o tanque está colocado num ponto bastante elevado, é por conseguinte açoitado pelo vento, facto que poderá perigar aqueles que acabam de fazer um esforço e ainda o terem de percorrer uma longa distancia para se vestirem.

E sobre este assunto mais não dizemos, para não recordarmos casos já motivados pelo que acabamos de citar, e por sabermos que á frente da Delegação está um distinto medico, e no conselho tecnico da Liga um higienista diplomado.

Fazemos votos para que a Liga, auxiliada pela Delegação, consiga fazer neste tanque os melhoramentos tão necessarios.

Coragem não lhes falta.

J. SANTOS

Qual é o jogador de foot-ball mais correto, cujas atitudes mais assombram pela elegancia, pela linha, pela audacia?

Eleito:

Eleitor:

CONCURSO DE FOOT-BALL

Vamos abrir um novo concurso, no genero do que abrimos com o maior exito na secção teatral. Basta recortar o selo junto, e envia-lo á nossa redação devidamente preenchido. Um juri competente verificará a contagem de votos, e fará a critica dos eleitos ou mais votados. Um premio será oferecido ao vencedor, bem como uma homenagem ao club. *Entendidos de foot-ball—dai a vossa opinião!*

Cinemas, teatros e circos

Concurso Teatral

«FINALISTA»

Auzenda d'Oliveira?

A Auzenda do palco é senhora
E' o seu destino feliz
E' linda e tem graça seductora
E' ela a mais bela actriz.

ADMIRADORA SINCERA.

Sou pequena mas sem que isso me faça
Ter receio ou canceira
Tenho direito a votar pela graça
Da Auzenda d'Oliveira

ADMIRADORA DE SETE ANOS.

Actriz mais linda e mais bela
Mais formosa e menineira
Para mim já não há outra
Como a Auzenda d'Oliveira.

EDUARDO PEREIRA.

Qual la reyna de beleza ¿!
—Más graciosa e bonita,
Es la artista portuguesa
Dona Auzenda! La Frasquita!!

UNA MUJER GITANA.

Vou dizer qual a mais bela
Sem que o ser mulher me prenda
Fulgurante como estrela,
Só a graciosa Auzenda.

CLARINHA.

Se Laura Costa vier a ganhar
Tomo luto por chuchadeira
Porque nunca, se pode comparar
A' gentil Auzenda d'Oliveira!

H. C. ACUIAR.

Que o saiba Lisboa inteira
E mesmo todo o paiz'
Entre as belas é primeira,
Auzenda, do S. Luiz.

DORA.

É a Auzenda tão linda
Que com seus encantos de fada
Com a sua graça infinda
Que merece ser votada.

LIMA FERREIRA.

Se as senhoras começam a votar
Concerteza não há, quem se entenda
No Domingo Ilustrado, a trabalhar
Com votos sera a linda Auzenda.

JUDIT PEREIRA.

Fui passear ao Jardim
P'ra ver o leão e o urso.
E ouvi dizer a um saguim
«Auzenda ganha o concurso.»

FERNANDO MENDES.

Não sei se é a mais formosa
Mas para mim a primeira
Por ser a mais graciosa
É Auzenda de Oliveira!!

MARIO.

Muito alegre e engraçadinha
E como eu peguenita,
Só conheço a Auzendinha
Creio é ela a mais bonita.

UMA AMIGUINHA DE 10 ANOS.

Maria Victoria

A peça de actualidade, ão querida do publico, «Rataplan» com Laura Costa, a encantadora «divette», em muitos numeros novos e sempre repetidos.

o momento teatral

Ilda Stichini é uma grande actriz. Não ha hoje nos palcos portugueses nenhuma figura de mulher cuja arte seja tão expontanea, tão natural, tão feminina e tão forte, de processos tão simples e tão eloquentes. E a nossa Catalina Barcena. Vê-la representar é um encanto. A sua ultima grande creação—: a «Mariana» dos «Naufragos», seria o suficiente para elevar à maior altura a interprete ideal da «Mariquinhas» do «Centenario». Cada peça nova é para esta rapariga a demonstração de qualidades fulgurantissimas — cada noite o seu publico augmenta, porque a sua arte tem um poder de dominio que se não discute.

noites de primeira

NAUFRAGOS, figo do Algarve em 3 actos original de Maria Fernanda de Castro

1.º ACTO.—Interior de um covil de lobos do mar. Ilda concerta as rêdes para levar na «tournée» ao Brasil e «Conchinhas» (que demonio de alcunha!) diz-lhe em esperanto qualquer coisa que ninguem entende. Entra a Elvira Costa e depois a Albertina, a Emilia e a Elisa e fazem uma scena toda em lingua bunda. Para entreter, visto não perceber nada daquela linguagem, o publico conta os potes que estão em scena. Como a peça é toda maritima aquele detalhe dos 3 potes dá que falar.

Em seguida entra o Rafael Marques, vestido de reclame ao oleo de figado de bacalhau e como é bruto quer bater no irmão por ele andar no Conservatorio.

O José Ricardo, zanga-se com isso porque está á espera da primeira vaga para entrar para professor e diz-lhe que se ele Rafael, continua a fazer disparates desmancha a sociedade para o Brazil.

Como o acto está curto, todos fingem que comem e depois vão passear o alimento que é para o Ernestino desafiar a Ilda para o mau fim. Aparece o Ameijoas que andou a apanhar Conchinhas e tudo fica na melhor harmonia quando de subito o Ernestino entra para a scena com uma infecção pulmonar. A Ilda corre a chamar o medico e cae o pano. Muitas palmas e aparece a auctora com um vestido pintado pelos «novos» só para arreliar as «velhas» e que, muito pouco á vontade, quasi que pede desculpa ao publico de ter escrito um acto quasi perfeito.

2.º ACTO.—A scena reprezenta um arrabalde de uma vila no Algarve. A' esquerda está um tinteiro muito bonito a fingir de egreja. Ao lado duas canetas de tinta permanente a fingir de arvores.

Alguns pescadores dizem de suas razões em dialeto tupi e entra a Ilda toda de preto. Surge tambem o Rafael que, como é o mais viajado, é o unico que fala coisa que se entende.

O «Conchinhas» tem fama de bom rapaz segundo afirma toda a gente e ouve-se tocar a sineta para o jantar. Todos entram para o tinteiro excepto a Ilda que numa subita inspiração fala em portuguez aperfeiçoado á Senhora das Dores.

Vae a coisa no melhor dos socegos quando se arma uma grande desordem entre o José Ricardo e o Ribeiro Lopes. A Ilda intervem, afirma que o Ribeiro Lopes é um tesoureiro á altura e quem matou o Ernestino foi o Rafael O Albuquerque diz-lhe então que acabe o acto depressa porque ele não tem mais que dizer e está ali atrapalhado sem encontrar que fazer á vida. A Ilda rebóla-se nos degraus do tinteiro e cae o pano aparecendo de novo a auctora que, mais contente ouve do publico a certeza de que fez um acto bem feito.

3.º ACTO.—A scena representa o interior de um caixote. Como não se vê nada, ninguem percebe o que lá se diz. No escuro ha a impressão de que entra e sae gente mas ninguem entende patavina. E já o publico está farto de olhar sem ver nada quando as baterias do Castelo abrem fogo sobre a Rotunda alguns espectadores teem sobresaltos porque as granadas rebentam seguidamente quando se ouve a Ilda gritar que os tiros são de bordo. O «Conchinhas» parte a entregar-se aos revoltosos e d'ahi a pouco, parece que estes se renderam porque volta tudo ao mesmo silencio e escuridão.

Surge o Rafael com um varino de borracha convida a Ilda a sahir porque é quasi meia noite e não teem salvo-conducto e o pano cae aparecendo a auctora com cara muito aflita por ter feito um acto inferior.

ANDRÉ GODIM

Concurso Teatral

«FINALISTA»

Laura Costa?

De todos que dão parecer
Ninguem sabe do que gosta
A mais linda deve ser
Sempre e sempre a Laura Costa.

ZÉ QUITOLAS.

Pequenina como um beijo,
Laura Costa, a linda estrela
E' o sonho porque almejo
E por isso voto nela.

CARLOS AGUIAR.

Laura Costa é a mais linda
Entre as outras, por emquanto,
Nenhuma a excedeu ainda,
Porque ela é mesmo um encanto.

JOAQUIM BENTO.

Até faz lembrar o Caura
Que cantavam pela rua
E' a Laura, Laura, Laura,
Laura Costa, e continua.

JOAQUIM ALVES.

Em Madrid existe o Maura,
Em Paris a Mistinguette,
E entre nós temos a Laura,
A Laura Costa, divette.

JANUARIO de SOUSA.

Nas artistas meu parecer
São um interessante jardim
E pr'a uma flor escolher
É Laura Costa para mim;

ANTONIO F. ANJOS.

Quem melhor pisa o palco
Sou eu quem o noto
E a gentil Laura Costa
Que merece merece o meu voto

GARCIA.

Sempre envolta numa tunica
De estrela celestial
A Laura Costa é a unica
No sufragio universal.

JOAQUIM RIBEIRO

Nem a Auzenda, nem a Aura
Nem sequer a Satanela
Se comparam com a Laura
Costa... d'alto lá com ela!

PEDRO DOS SANTOS

A Laura Costa é que tem
a graça, o brilho, a frescura
Tudo enfim o que convem
À completa formosura

JOSÉ DOS SANTOS

Eu voto, por minha fé,
Na Laura Costa a «divette»,
Que, do rôsto ao lindo pé
E' a mais linda e «coquette».

NICOLAU DOS SANTOS

Nesta famosa eleição
Apresento uma proposta:
Votar por aclamação
Na formosa Laura Costa

AMELIA DIAS COSTA

Nos palcos a mais formosa
P'rante quem tudo se prosta
E' sem duvida a graciosa
Coupletista Laura Costa.

JANUARIO SOUSA

Da beleza que anda exposta
Ao olhar conquistador,
Eu elejo a Laura Costa
Que é mesmo um amor

BERNARDINO DOS SANTOS

ESTADO DO CONCURSO ATÉ AO N.º 15

Auzenda d'Oliveira . . . . . 44 votos
Laura Costa . . . . 42 »

S. Carlos — Sempre espectaculos pela companhia Lucilia Simões. Repertorio de drama e alta comedia, com Lucilia, Eri e toda a companhia.

Nacional — Os «Naufragos» com Ilda, e toda a companhia. Grande exito de sentimento. Enchentes.

S. Luiz — Espectaculos variados pela companhia Armando de Vasconcelos. Grandioso exito de arte e elegancia.

Apolo — A aplaudida revista «Tirollo». Magnifico desempenho de toda a companhia.

Avenida — Fechado temporariamente. Brevemente estreia da companhia Maria Matos-Mendonça de Carvalho.

Politeama — O grande exito «Massaroca» de Feliciano Santos e D. José Paulo da Camara. Toda a companhia Rey. Colaço-Robles Monteiro.

Trindade — Tangerinas Mágicas — feeries e revistas, grande mágica de Eduardo Garrido Cremilda e brilhante grupo de artistas e coristas.

J. Almeida — A «Severa com Palmira. Colossal exito.

UMA NOVELA DE AVENTURAS COMPLETA

O misterio do automovel sem numero

NESSA noite, o nosso belo companheiro de cavaco, o Agente Domingos, veio mais tarde. Tinhamos abancado ao solo, e quando a sua face cançada e com uma ruga horisontal na testa, por ventura mais funda que de costume, assomou á porta, fez-se um — Ah! e parou-se de jogar.

—Com que então ás 8 horas, hein? disse, pondo de lado o baralho, o mais interessado dos seus ouvintes das noites anteriores. E' assim que um policia é pontual...

O agente não respondeu logo, e sentando-se, limpou ao lenço de seda branco o longo pescoço suado.

«Calor, meus amigos—e uma estafa toda a tarde».

—Algum caso novo? disse eu, sempre á espera das cavaqueiras pitorescas do velho policia português, cavaqueiras que preenchiam deliciosamente as longas noites de inverno no nosso pequeno club do bairro, onde a figura do agente, popular e querida, pontificava com simpatia.

«Uma historia muito estranha e muito triste: Acabo de matar um homem...

Demos um pulo. Dir-se-hia que a propria lampada electrica projectava sobre o pano da mesa do jogo uma luz mais fria. Fez-se um silencio tragico em redor do agente e os nossos olhos cravaram-se na sua fisionomia serena e palida...

Ele proprio sentiu a imperiosa necessidade duma justificação imediata e começou, sem que se ousasse pedir-lho.

—«Sim meus amigos—acabo de matar um homem. E, acabo de o matar sem fazer um gesto, sem empregar violencia, sem sequer tirar da algibeira das calças a minha Browning. Apenas pronunciei estas duas palavras, que com tantas inflexões diferentes tenho repetido na minha vida: Está preso!

Ouçam e digam-me se na realidade muitas vezes na vida a gente não sente ao vencer a mais dolorosa impressão de ser vencido.

O caso é este: Ha coisa dumas três semanas apareceu no governo civil, já de noite, um operario do Arsenal, homem dos seus 60 anos, e uma rapariga, sua filha, uma linda morena, melenas para a testa, olhos largos e negros

operaria da fabrica Grandela em Bemfica.

Fui encarregue de os ouvir. O homem contou o seguinte:

«A pequena que costuma chegar a casa, ao Rato, pelo cair da noite, na vespera chegou apenas ás 10 horas, lavada em lagrimas. E acrescentou:

«Nós sômos gente pobre, de trabalho, mas gente seria. A minha mulher que Deus haja foi uma mulher de exemplo, e a minha gente toda, rapazes e mulheres, que tenho 8 filhos vivos, ninguem tem nada a dizer-lhe.

Ora a historia que a rapariga conta, é caso com a policia e por isso cá venho.

Costumam sair da fabrica ás 5 e um quarto, mais coisa menos coisa, hora a que largam o trabalho, e depois veem aos ranchos, pela estrada, Sete-Rios fóra, até á Rotunda, e aqui a pequena torce ao Rato.

Logo hontem calhou de vir só, por se ter demorado a lavar uma blusa um pouco mais.

Era noite cerrada quando passou a S. Sebastião da Pedreira. Junto ao passeio, seguia, a par e passo com ela, um automovel grande, todo preto, e apagado...

Agora conta tu o resto, disse o pae á rapariga, visivelmente contrafeito, e pouco á vontade para referir a escabrosidade da scena.

A pequena baixou os olhos e eu para a animar expliquei-lhe:

«Não tenha vergonha menina. Os policias são como os medicos. Têm que saber tudo... Baixinho, a rapariga então foi contando:

«De repente, justamente quando eu passava rente do automovel, a porta, num repelão, abriu-se, e uma mão agarrou-me o pulso com tal força que tive que deixar cair o cesto onde levo o jantar. Julguei que me partiam o braço.

Arrastaram-me para dentro do carro e fecharam a porta. Como estava escuro como breo, e com as cortinas caidas, não conseguia ver nada. O automovel poz-se a toda a força e deu uma volta. Senti que um homem me apertava os braços e percebi que queriam abusar de mim. Comecei a gritar mas apertaram-me um pano á boca que quasi me tirou o ar.

Como felizmente sou forte, resisti. O automovel seguia pela estrada de Bemfica. A luz da estação dos electricos defronte da Egreja, que entrou de repente pelo vidro da frente, dentro do carro, vi que vinha comigo um homem com uma coisa preta na cara, uma especie de mascara.

Tal e qual como nos animatografos.

Mas eu e o homem lutavamos, aos encontrões e aos solavancos. Vendo que pela força me não dominava, ofereceu-me dinheiro. Eu disse-lhe tudo quanto me veio á cabeça! Ele então, brutalmente, quiz abraçar-me, beijar-me... Sujeitou-me ás maiores infamias. Senti o seu halito ao pé de mim. O automovel passava a toda a força pela Amadora. Consegui arrancar o pano que me tapava a boca e dei um grito fortissimo, o mais de rijo que pude, pedindo socorro. Uns soldados da aviação que estavam na estrada, ouviram, e percebi que alguem corria atraz do automovel gritando. Estava salva!

O homem disse então para o chaufeur uma palavra estrangeira e o automovel meteu mais força. De repente afrouxou o movimento, o homem largou-me as mãos, abriu a porta e empurrou-me para a estrada onde caí. A alguns passos corriam os soldados que me levantaram, emquanto o automovel, sempre apagado e negro se sumia no caminho de Queluz...

Deram-me agua a beber numa loja, e voltei a Lisboa no comboio. Não sei mais nada—aqui tem o que me aconteceu.

Ah! já me esquecia:

Quando lhe puz a mão na boca para me defender agarrei esta boquilha, que não tornei a largar.

* *

E, o Agente Domingos, repousou uns minutos para enrolar numa mortalha um resto de «francez». Depois, emquanto tirava as primeiras fumaças prosseguiu:

Achei o caso curioso. Não era um atentado vulgar.

Lembrava-me que aqui ha cinco anos me tinha aparecido uma queixa identica: no tempo do Sidonio. Mas nunca se tinha achado uma pista.

Dessa primeira vez o caso fôra mais grave. Era uma menor, e a pequena tinha sido encontrada desmaiada. Haveria relação nos dois crimes? O processo era identico: rua escura, o automovel apagado, depois a carreira para o campo. Havia sobretudo uma coincidencia: o mesmo detalhe da mascara... Resumindo: puz-me em campo.

Tinha por unico ponto de referencia esta boquilha—e o Agente Domingos sacou uma bela boquilha de ambar, com uma larga anilha de platina, finamente talhada em abertos.

—«Vejam, é uma linda peça...»

Todos nos acercamos—.«Deveria ter custado quasi um conto de reis, na joalheria Abreu, ha apenas um mez».

Logo que a tive em meu poder verifiquei que era um objecto de fabricação estrangeira raro e precioso. Por um despachante de ourivesaria, na Alfandega, soube quem havia importado boquilhas semelhantes. Era uma hipotese: podia tambem ter sido comprada lá fóra.

Em duas horas eu tinha percorrido as quatro casas, que as haviam mandado vir.

Duas delas tinham os seus stocks inteiros. Uma já tinha vendido trez, outra vendera apenas duas.

Nenhuma delas podia porem precisar o tipo do cliente que as tinham comprado...

Cá estava o policia esbarrado contra essa massa de desconhecido, onde se perdem todas as pistas, onde se escondem todos os crimes. Outros assumptos solicitaram a minha actividade e por isso, por um descargo de consciencia disse ao ultimo ourives onde estive: Olhe, se voltar cá algum dos freguezes que comprou boquilhas, a adquirir outra semelhante, com o pretexto de haver perdido a primeira, mande-o seguir, ou demore-o o mais possivel e telefone para o governo civil; chegarei num pulo.

Deitei depois na agencia o seguinte anuncio para o «Noticias».

Boquilha bôa entrega-se uma achada na estrada de Bemfica, a quem provar pertencer-lhe.

Era um expediente ingenuo, mas que nem por isso deixa de dar resultado bastantes vezes.

Não foi porem preciso. Seriam umas

10 horas, quando ontem me telefonaram da Baixa participando-me—quando eu menos esperava, confesso!—que voltava um freguez a comprar uma boquilha de ambar. Era um francez.

Corri á loja. O homem?

—Mandámo-lo seguir como disse, explicou o dono da casa. Entrou para o Avenida Palace. O marçano que o seguiu foi este.

—Pois que venha comigo, para o reconhecer, e arrastei para a rua o pequeno.

—No Palace, soube quem era o homem. O creado do Sr. Barão de ***.

Todos nós demos um pulo!

Os jornais da noite anunciavam o suicidio, num quarto do Avenida Palace, do milionario Barão *** que ha 5 anos se ausentara para o estrangeiro, a tratar-se duma horrivel doença incuravel que lhe transfigurava o rosto...

O agente Domingos sorriu-se pela primeira vez nessa noite — um sorriso triste, lhe apanhou a comissura dos labios.

Sim, era esse o mascarado do automovel sem numero, o mesmo que ha 6 anos deshonrara a pobre ovarina encontrada sem sentidos no Aterro, uma noite de chuva.

O Barão de ***, milionario, fihlo de brazileiros, era um doente, moral e fisico. Com a sua imensa fortuna teria

(CONCLUE NA PAGINA 8)

UMA NOVELA SENTIMENTAL COMPLETA

AQUELA LOIRA DO MONUMENTAL

TINHAM-SE ligado, ia para um ano.

O acaso, esse eterno enigma, tinha-os feito encontrar uma noite, no ambiente ruidoso do «Monumental». Ele fôra atraido ali pela curiosidade, conhecer de perto esse salão enorme onde o «jazz-band» chama horas e horas uma alegria que não existe. Toda a gente lhe falava do «club», onde os colos das mulheres teem fulgurações tentadoras sob a luz ofuscante das lampadas electricas, onde os «tangos», na meia escuridão das luzes vermelhas, teem gritos de lascivia e de tristeza, onde todas as classes se acotovelam, irmanadas na mesma ancia de divertimento, na mesma vontade de encher as horas fastidiosas da vida.

Conhecera-a num canto mais sombrio da grande sala, emquanto os pares enlaçados volteavam rapidos, na infrene vibração dum «fox-trot» barulhento.

— Estou farta desta vida, acredite! — disse ela tintando de vermelho os labios descorados pelas noites perdidas. — O meu desejo era viver com alguem de quem gostasse, longe de tudo isto que me aborrece e me repugna!

— E porque não procura esse alguem?

— Onde? Quem vem aqui? Os que, mercê de uns mil reis, entendem que o mundo é deles! Não, meu amigo, não é aqui que eu encontro o que desejo! Ah! deixar esta vida inquieta, recolher-me socegada á minha casa e ter junto de mim um peito muito amigo, muito meu, uns olhos em que os meus se refletissem, uma boca que soubesse dizer com doçura, baixinho, o meu nome! Como eu desejo isso ardentemente!

Na noite seguinte quando Luiz retirou para casa, era manhã. Os dois tinham conversado toda a noite, muito intimamente, na recolhida sombra do canto abandonado.

Noites depois, quando os dois já gostavam muito de conversar um com o outro, quando ela já não dançava um unico «fox-trot» só para estar sempre ao pé dele, muito contente, muito alegre, ele arriscou com timidez:

— Quer ir viver comigo? O que ganho chega bem para nós dois! Seremos muito amigos, muito nossos! Quer?!

* * *

Havia um ano que viviam juntos.

Quando Luiz recolhia a casa para jantar, esperava-o ela á janela, a dar-lhe um lindo sorriso carinhoso.

Nas noites chuvosas, negras como pecados, quando o vento silvava agoiramente pelas esquinas, enchendo de pavor as ruas solidarias e adormecidas, Helena com a cabeça encostada aos joelhos de Luiz ia ouvindo os romances e historias que ele lia para a distrair e, era com um delicado anceio, com uma ternura de caricia na voz, que ela por vezes o interrompia:

— Olha Luiz, pára agora um bocadinho e dize-me: E' verdade que gostas muito de mim?!

— Adoro-te!

— Adoras! Como podes adorar uma rapariga que encontrate sem eira nem beira, atolada num club de prazer com um passado tão negro!?

— Gosto de ti, Helena! E se muitas vezes entristeço, é porque penso se não sentirás saudades desse meio de que me falas! Se por vezes os teus pensamentos não irão para esses clubs, para essa vida febril, para essa continuada carreira de desvario, onde a noite que passa é mais uma e a seguinte será mais outra!

— Não penses isso, meu Luiz! Estou tão contente contigo, com a nossa casa, com a nossa vida! Ah! Se tu soubesses! E' por ti, por ti que eu temo! Quem sabe quantas vezes não terás pensado que eu, que passo pelo teu braço na rua, sou talvez conhecida do primeiro que cruza comnosco. Ah! sim! Penso isso tantas vezes!

— E's tonta! Se é verdade que tudo quanto dizes eu posso pensar, não é a ti que eu crimino como culpada! Não meu, amor! E' a mim, a mim que não te encontrei mais cedo, a mim que não soube adivinhar a tua existencia no tumultuar da vida, a mim que não te procurei ha mais tempo, que por isso não te soube arrancar ás horas amargas que tragaste nas noites pavorosas dos clubs, na vida desenfreada a que o Destino te arrastou!

— Pobre de ti, Luiz! Pobre de ti e pobre de mim!

Porque não nos encontramos mais cedo!?

Porque só ha tão pouco tempo te conheci! Mas deixa lá! A's vezes chego a abemdiçoar tudo quanto fiz!

— Que dizes?!

— E' verdade Luiz, porque se eu não tivesse amargado na vida, no que ela tem de mais cruel e de mais terrivel, não saberia hoje bemdizer a hora em que vi o teu olhar tão amigo!

Não saberia recolher no mais intimo da minha alma esta santa alegria que me deste! não saberia ver em ti o anjo bom, o amparo carinhoso que me acudiu! Não saberia amar-te, meu Luiz! Não saberia querer-te!

— Minha Helena!

E os dois, á luz coáda do «abat-jour», ficam-se de mãos apertadas, num encantado enleio de corações batendo ao mesmo tempo, numa doce alegria de felicidade.

* * *

Luiz andava preocupado. Sem deixar de ter por Helena o mesmo carinhoso afecto, já por duas ou trez vezes ela o tinha ido espreitar ao escritorio, vendo-o de cabeça entre as mãos, como a reflectir.

Depois, punha-se em pé, dava grandes passos pela casa, sentava-se á secretaria, fazia numeros nos papeis, riscava, respirava profundamente, punha-se novamente a pensar.

Que teria ele?

Naquela tarde, Luiz subiu devagar as escadas de sua casa; vinha palido e, de quando em quando meneava a cabeça como a responder a si proprio.

A creada veio abrir:

— A senhora sahiu eram trez horas!

— Não disse onde foi?

— Não senhor!

— Está bem!

Era a primeira vez que Helena sahia sósinha.

Ela mesma fora de opinião de cortar com todas as amigas e conhecidas, de sahir apenas com Luiz. Onde teria ido?! E Luiz abismou-se em conjecturas.

Uma hora dspois Helena, ofegante, entrou e foi direita a ele:

— Sabes? Fui fazer umas compras!

— Mas nunca sahiste só!

— Estava um dia tão bonito, e depois sentia-me tão aborrecida! Passei pelo escritorio para vir contigo para casa e já tinhas sahido! E' verdade, há lá qualquer coisa de importancia?

— Porque perguntas isso?!

— O guarda-livros estava muito preocupado, o outro empregado estava tambem tão aflicto!

— Impressão tua...

— Isso não! E tu tambem não estás muito calmo! Que tens?

— Nada...

— Jura lá...

— O' filha...

— Não juras?! Então é verdade! Tens qualquer coisa...

— Não!

— Tens! Anda, conta! Tens segredos para mim? Para mim que sou a tua mulherzinha?

— Não mas... são coisas do escritorio, não te interessam!

— Não te dizem respeito? Então já vês...

— Mas...

— Estás palido, Luiz, anda, depressa, dize o que é!...

— Se eu te digo que...

— Pelo nosso amor, Luiz!

— Pois bem, já que desejas... estou...

— Estás?...

— Tenho que fechar o escritorio!

— Fechar?! Porquê?...

— Porque me arruinei! Porque na vontade enorme de nada te faltar, de te rodeiar de tudo o que desejavas, de te querer vêr muito contente, gastei mais do que ganhava e...

— Oh! Luiz! — e Helena, sem um unico gesto, friamente retirou-se deixando-o entregue a si proprio.

O jantar foi silencioso e frio.

As rosas da jarra desmaiavam tristemente, pondo nodoas vermelhas de sangue na brancura suave da toalha.

— Helena! E' agora que eu preciso muito de ti! Por ti me arruinei mas, amparádo ao teu amor, de novo conquistarei o logar que perdi! E' no teu amor, na luz dos teus olhos, nas caricias dos teus dedos, que eu me vou amparar para luctar de novo! Juras que não me deixarás desfalecer!

— Luiz!

— Dize: Serás sempre a minha Helena!?

— Sempre!

— Posso contar contigo?!

— Juro-te que nunca deixarei de ser para ti o que tenho sido sempre! Cabe-me agora a vez de te fazer o que me fizeste!

— Obrigado minha vida! Deste-me o que me faltava, coragem! Olha, eu vou ter com uns amigos que pretendem ajudar-me! — E Luiz sorria de contente — Ah! Agora já nada temo! Por ti e contigo, serei capaz de tudo! Obrigado meu amor, obrigado!

E ternamente, numa caricia onde ia toda a sua alma, beijou-a longamente nos olhos.

* * *

Luiz resolvia a sua questão comercial. Os amigos punham dinheiro á sua disposição. Agora era só trabalhar, trabalhar muito. E, contente, feliz, subiu a escada com alvoroço a dar a bôa nova a sua Helena que, decerto, estava anciosa por noticias.

A creada veio abrir.

— A senhora já está deitada?!

— Não senhor! Sahiu.

— Sahiu?!

— Sim senhor! Deixou esta carta para o senhor.

Febrilmente, com o coração a estalar de anciedade, Luiz rasgou tremendo o sobrescrito e leu: «Luiz.» Sei que

(Conclusão na pagina 8)

Secção a cargo de José Pedro do Carmo

QUADRO DE HONRA

Sentinela & Gomes—Pechincha—Zarita—Del-Fim.

CAMPEÕES DECIFRADORES DO N.º 14.

Decifrações do numero passado:

Charada em verso: Guarda-mór.
Charadas em frase: Odemira—Pisa-flores.
Enigma pitoresco: Cada um em sua casa é grande.

—

CHARADA EM VERSO

(Ao preclaro confrade "Rei do Orco", agrodecendo a sua "Carola")

No Domingo fui á Estrela,
Dar um passeio ao jardim,—2.
E, sabe quem encontrei
A fazer grande chinfrim?

O gordo prior da Lapa
Todo sujo, muito imundo!!
Fiquei um tanto indeciso...—2.
O padre, ou não tem juizo,
Ou então é vagabundo...

REI FERA

•

CHARADAS EM FRASE

Em ruim prisão, vive a planta—1—2.

PECHINCHA

•

Esta planta, depois de pisada e preparada oferece um belo dôce—2—1.

AFRICANO

•

LOGOGRIFO

Por tão pouco te zangaste,—8—6—2—3
E afinal foi sem razão;
Porque é que me despresaste
Sem ter de mim compaixão?

Estou mui triste, acredita,
E é tal o meu embaraço,—4—9—5
Tão grande a minha desdita
Que já não sei o que faço.

Não me posso conformar
Com essa resolução;
Não queiras continuar,
E concede o teu perdão.—1—7.

Tu zangares-te comigo,
Embora te não pareça,
É um tão grande castigo
Que não tem pés nem cabeça.

ZARITA

•

INDICAÇÕES UTEIS

Toda a correspondencia relativa a esta secção deve ser endereçada ao seu director e enviada a esta redação, ou á Rua Aurea, 72, Lisbôa.

— Só se publicam enigmas e charadas em verso, charadas em frase, logogrifos e pitorescos, estes bem desenhados em papel liso e tinta da China.

— Os originais, quer sejam ou não publicados, não se restituem.

— E conferido o QUADRO DE HONRA a quem envie todas as decifrações exactas, entregues até cinco dias após a saida dos respectivos numeros.

Expediente

Vamos proceder á cobrança das assinaturas de "O Domingo ilustrado".

A fim de nos evitarem despesas e transtornos, esperamos que os nossos presados assinantes satisfaçam os respectivos recibos logo que lhes sejam apresentados.

NO CAMPO PEQUENO

Uma tarde regular — Triunfo para Sanchez Mejias — Infelicidade para Simão filho

COM regular concorrencia — pouco mais de meia casa — e sob a alta competencia do ex-bandarilheiro Manuel dos Santos na direção da lide geral, realisou-se no domingo passado a terceira corrida oficial da presente temporada que não desagradou e melhor teria resultado se os touros possuissem qualidades mais nobres... e não faltasse ao espada a coadjuvação no seu trabalho, da indispensavel «quadrilha», que pelo motivo que citei no numero passado, não poude trazer.

O entusiasmo louco, constante, da assistencia, foi promovido pelo grande toureiro «Sanchez Mejias», que a assombrou, quanto em valentia, arte e sobretudo na persistencia em que sempre se manteve na variante distinta de todo o seu trabalho arrojado e magistral, como até hoje, entre nós, poucos «espadas» o tem conseguido egualar.

A falta de um «capote», de sua confiança, originou-lhe duas colhidas de grande aparato e, felizmente, de não más consequencias, sendo felicitado por todo o publico, por haver sahido incolume, com carinhosos aplausos de grande simpatia, para o toureiro que em tão curto espaço de tempo conquistou dos portuguezes a maxima consideração e sincera hospitalidade.

Tambem concorreu com uma quota parte nas ovações calorosas, o grande cavaleiro tauromaquico Simão da Veiga (filho), não tendo o seu trabalho obtido o lusimento de outras vezes, pelo motivo dos maus touros que lidou, muito especialmente o 8.º da corrida, um dos piores do curro.

O ultimo touro bandarilhado por Custodio Domingos e Agostinho Coelho, foi artisticamente enfeitado com tres bons pares do primeiro e dois, tambem de valor, do segundo.

Os forcados executaram tres pegas valentes, tendo sido as ajudas feitas com mais união e oportunidade, que na ultima corrida que ali se fez.

No serviço de «capotes» em que todos os peões foram incansaveis, é digno de especial menção o grande auxilio que «Angelilo» prestou a «Sanchez Mejias» nos touros que este lidou.

Nada mais digno de registo tenho a mencionar desta corrida, que se não foi das melhores tambem não deixou más impressões, saindo o publico bem disposto, o que já é bastante, atendendo á raridade de corridas que satisfaçam por completo.

ZÉPEDRO

Em festa artistica do bandarilheiro Agostinho Coelho, com a apresentação do espada «Lalanda» realisa-se hoje a 6.ª corrida da epoca, reaparecendo o popular cavaleiro José Casimiro que alternará com Ricardo Teixeira. Os touros são da ganaderia Terré e ao grupo de bandarilheiros figuram Jorge Cadete, Ferreira Segarra, José Coelho, Plás Flores, Filipe Guerra e um valente grupo de forcados completam o cartaz.

AQUELA LOIRA DO MONUMENTAL

(Continuação da pagina n.º 7)

vaes sofrer com a minha resolução, mas ela é inevitavel. Não posso viver mais contigo. A perspectiva de que todos os que conheci se ririam de mim quando soubessem que eu estava reduzida á condição de quasi miseria, obriga-me a fazer o que faço. Sim, Luiz! Eu adquiri o vicio do luxo do bem estar.

Não posso viver na indigencia. E' certo que foi por mim que tudo sacrificás-te, mas eu não tive a culpa. Esquece-me e acredita que te amou muito a Helena».

* * *

O «jazz-band» gritava agora uma musica infernal, nervosa. Os pares giravam no quadrado encerado vertiginosamente, como levados por uma rajada de loucura.

Helena, afogueada, com escaldões de cansaço nas faces, veio numa risada forte retomar o seu logar á mesa.

—Ai! Depressa! Deem-me uma taça de «Champagne», senão morro de sede!—e, num gesto decidido, sorveu de um gole o liquido espumante, que enchia o cristal de pequeninas bolas luzidias.

—O' menina Helena!—disse-lhe ao ouvido um «groom» — Está ali um cavalheiro que lhe deseja falar!

—A mim?! Quem é?

—Está ali fóra, na sala de leitura!

—Com licença—disse Helena para os que estavam á mesa—Eu volto já!...

Um sujeito palido e magro foi-lhe apontado pelo «groom».

—Deseja falar-me?

—E' a menina Helena Soares?

—Sim, senhor.

—Venho dizer-lhe que o Luiz se enterrou hoje.

—O Luiz?!

—Sim senhora! Na noite em que a menina sahiu de casa deu um tiro na cabeça. Os medicos tinham esperanças de salva-lo mas afinal... morreu hontem!

—Pobre Luiz! Tão meu amigo! Bem, dá-me licença, sim? Estou ali com uns amigos!...

De novo o «jazz-band» berrou um «fox-trot». Helena chegou á mesa, bebeu outra taça de «champagne» e voltando-se para um dos jogadores de roleta que estava ali, na hora de descanço, convidou:

—Ó Julio, vamos dançar?!

E os dois perderam-se no turbilhão do «fox-trot» gritado pelo «jazz-band» que do alto do estrado vermelho atirava notas vibrantes.

JOÃO FALEIRO

BREVEMENTE

As memorias do actor ROLDÃO

POR SEU FILHO HENRIQUE ROLDÃO

Uma novela

A novela que publicamos sobre os dois cadaveres do Largo do Rato, e que é uma bela pagina literaria, evidentemente não corresponde na sua narrativa ao rigor dum noticiario. Sobretudo é necessario esclarecer que as personagens que nela entram nada têm que ver com os parentes dos mortos, os quais são pessôas dignas de respeito, nem era iutenção do novelista apoucar a memoria dos mortos.

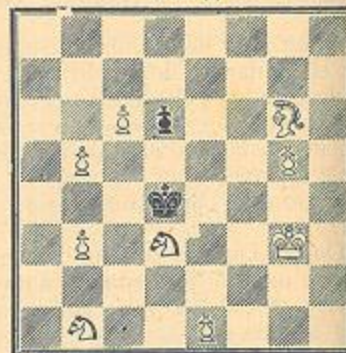
De resto basta dizer-se que se trata duma novela...

Xadrês

A correspondencia sobre esta secção póde ser dirigida a Pereira Machado, Gremio Literario, Rua Ivens, n.º 3[illegible]

PROBLEMA N.º 15

Por Carpenter

Pretas (2)

Brancas (9)

As brancas jogam e dão mate em tres lances.

—

Solução do Problema n.º 13

T. 7. B. D.

Resolveu o Problema n.º 13 o Sr. Sueiro da Silveira.

(CONTINUAÇÃO)

Não é um grande defeito tomar um P. preto ao primeiro lance se este Pião servindo para evitar dupla solução não é unico meio de defesa das Pretas.

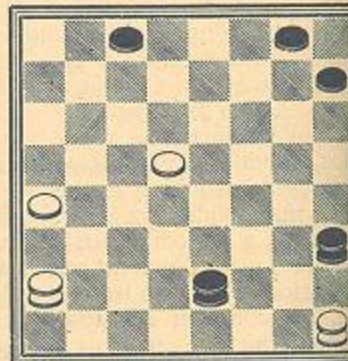
Cada um dos outros lances de ataque deve tambem ser unico aliás a composição é defeituosa. Todavia estes duplos lances, que se chamam duals, constituem um pequeno defeito se só se produzem nas defesas que não respondem á ameaça das variantes secundarias.

Jogo das Damas

Solução do problema n.º 1[illegible]

	Brancas	Pretas
1	10—15	17—10
2	12—16	20—11
3	4—8	11—4 (D)
4	2—7	4—18
5	7—14—23—32 (D)	
	Ganha.	

PROBLEMA N.º 15

Pretas 2 D e 3 p.

Brancas 2 D e 2 p.

As brancas jogam e ganham. Subentende-se que as casas tracejadas são as brancas.

Resolveram o problema n.º 13 os Srs. Ernesto Duarte, Eugenio Leal, Sueiro da Silveira, Abrantes e Silva J. Manuel Pires, Dr. Kiblin, e Artur Santos.

—

Toda a correspondencia relativa a esta secção, bem como as soluções dos problemas, devem ser enviadas para o «Domingo Ilustrado», *secção do Jogo das Damas*. Dirige a secção o snr. João Eloy Nunes Cardozo.

pagina feminina

Carta de Paris

A combinação «vestido-casaco»

A voga dos cónjuntos, do vestido e do casaco harmonisados com gosto, valeu-nos a interessante fantasia que as nossas leitoras podem vêr na nossa gravura. Eis aqui reunidos em um unico vestido, um vestido-casaco de aspecto simples, aberto sobre um colete fantasia que o alegra agradavelmente e um «troispiéces» muito elegante, pois se combinou denominar assim estas especies de conjuntos, mesmo até quando não abrangem mais do que duas.

Que vantagem, perguntar-se-ha, oferece esta combinação?

Em primeiro logar a satisfação de variar facilmente de «toilette»; se o vestido fechado é perfeitamente correcto para a rua, numa sala o casaco aberto dá a ilusão dum conjunto muito mais «habillé» sem que ninguem possa suspeitar do engano.

Depois, resulta disto uma importante economia de tecido. Em vez das duas alturas de tecido necessarias para o vestido e do pano que teria forrado o casaco, basta uma unica altura para a frente do vestido, as guarnições sendo contadas ápарte. E' verdade que se não fica com o vestido separado, mas muitos destes não devem a sua elegancia senão é harmonia que resulta do conjunto. O casaco será em tecido de lã liso, em malha, popeline, ottoman ou em seda, setim ou ottoman. Far-se-ha o colete e o forro em musseline ou crêpe de seda estampado ou numa côr muito diversa.

Chapeus de chuva em côres

Veremos em breve toda a gente com chapeus de chuva em côres diversas? É muito provavel, diz uma revista francesa. E o espectaculo será pitoresco, não ha duvida. Até agora, por tradição, os chapeus de chuva eram uniformemente pretos. Havia nas aldeias os velhos guarda-chuvas de outrora cobertos de solido pano azul, bem como as gigantescas barracas dos nossos avós camponeses. E é agora, em que estes desaparecem pouco a pouco, que a moda dos guarda-chuvas de côr vae talvez implantar-se.

Uma autentica campanha é feita actualmente nas revistas estrangeiraa contra os chapeus de chuva pretos. Chamando-lhes «azas de côrvo», dizem que tornam feio o aspecto da rua, ensombram ainda mais o horisonte e limitam até a elegancia. Imaginem-se, ao contrario, as ruas em dias de chuvas, cheias de manchas azues, verdes, brancas, amarelas, sem falar de panos com flôres ou riscas. E o que é que impedirá as senhoras de fazerem condizer o seu guarda-chuva com o vestido? Não existe já esta moda para as sombrinhas?

Amar e servir mas não obedecer

O nosso codigo exige que a mulher obedeça ao marido, o qual em troca lhe deve auxilio e assistencia. Na Inglaterra, a assembleia do clero anglicano acaba de votar uma moção que diz em resumo que daqui para o futuro a noiva, á pergunta: Jura obedecer a seu marido? responderá simplesmente: «Comprometo-me a amal-o e a servil-o». A mesma promessa será de resto exigida do futuro marido.

Foram os organismos feministas da egreja anglicana, cuja propaganda é muito activa, que conseguiram depois duma vigorosa companha impôr esta maneira de vêr.

Serem amadós e servidos. No fim de contas ha já muitos maridos que se contentam com menos.

O anel-relogio

Desde que as pulseiras-relogios são muito usadas, fazem-se adoraveis relogiosinhos dum diametro pequenissimo. Ao contrario, os aneis modernos atingiam proporções extraordinarias. Um habil ourives pensou que se poderiam talvez tirar vantajosamente partido destas duas tendencias contrarias.

Mandou, pois, fazer o anel-relogio e a caixa de «rouge». Esta, além do anel que é como todos os aneis, comporta um enorme camafeu que se abre em duas partes. Na parte de cima é o relogio com o seu diminuto mostrador, redondo ou quadrangular; por debaixo é a caixa minuscula onde a elegante poderá dissimular o «rouge» para os labios, que ela aplicará em seguida delicadamente com a extremidade do indicador.

Fechado o conjunto, dá ao anel o aspecto ordinario dum anel que tivesse apenas um enorme camafeu. Houve outrora um rei celebre, Mithridates, que ocultava sempre veneno no anel. As senhoras de hoje ocultam nele o seu «rouge»: é mais agradavel e menos perigoso.

As causas dos divorcios

Dizem as revistas americanas que atravessam actualmente os Estados-Unidos uma verdadeira onda de divorcios.

O juiz William Morgan, presidente do tribunal dos divorcios em New-York, dá como causas principais do divorcio, as seguintes:

1.ª—O dinheiro: as mulheres querem a miudo ter mais do que aquilo que lhes é possivel.
2.ª—A concupiscencia: os homens esquecem a miude as suas mulheres.
3.ª—A falta duma moral rijida.
4.ª—A bebida: a prohibição produziu este estranho resultado: não só as classes baixas bebem, mas tambem as elevadas bebem agora.
5.ª—O caracter: muitas creaturas passam o seu tempo a questionar.
6.ª—O sexo: muitos pares que se casam nunca o deveriam fazer.

CELIMÉNE

O misterio do automovel sem numero

((Continuação da pagina 6)

tranquilamente as cocottes que quizesse, apesar do seu rosto terrivelmente desfigurado e do seu corpo cheio de doenças e de mazelas.

Mas o Barão, queria mais, a pureza, a flôr de virgindade, a saúde dum corpo novo e fresco. Isso, não o comprava por dinheiro facilmente. Usava então de cumplicidade com o creado e «chauffeur» o seu automovel —um grande carro Hudson, fechado e negro.

O carro possuia um dispositivo unico, que permitia ao «chauffeur», com um simples manipulo fazer correr sobre a placa do numero uma lamina de zinco tambem negro, sempre que o julgasse oportuno.

Em caso de perigo, em caso de fuga, o Hudson era apenas uma massa negra, anonima, misteriosa, que rolava na sombra da noite como um fantasma de pezadelo . . .

* * *

Preguntei ao «chasseur» do hotel pelo Barão, não me restava a menor duvida de que era o homem! Já lhes digo porquê.

—O Sr. Barão está doente. Não recebe hoje ninguem. Sai só á noite ou á tarde por causa da luz que lhe faz mal aos olhos.

—Diga ao Sr. Barão que alguem lhe precisa falar urgentemente—e mostrei ao chefe dos porteiros o meu cartão de policia.

Da porta telefonou-se então, assim, para o 21. Está? E' do quarto do Sr. Barão? Está aqui uma pessoa que tem urgencia em falar a V. S.ª Não pode receber? Mas... E' uma autoridade. Impossivel? O agente insiste, sim senhor.

Não quiz ouvir mais.

Subi a escada e bati á porta do 21. De dentro uma voz de falsete, preguntou—«Qu'est ce que c'est?»

«Abra, respondi. E' a policia!» A porta abriu-se imediatamente. Encontrei-me á frente de dois homens. O Barão * * * era um velho precoce, 30 anos gastos, calvice, um bigode branco, no malar esquerdo, entre a boca e o olho uma horrorosa cicatriz, um refego, concavo, esburacado e roxo-negro.

Avançou para mim, e disse: O que o traz aqui?

—Respondi—pegando numa pequena mascarilha de veludo que estava sobre o toucador. V. E.ª mascara-se?

— C'est à moi! avançou o francez —mas o tregeito horrivel que surprehendi na fisionomia do Barão * * * não deixava duvidas sobre a sua cumplicidade no caso do rapto frustrado.

Prossegui pois, no meu interrogatorio sumario:

—Pode explicar-me o que fez na tarde e na noite de 5.ª feira passada?

O Barão ergueu-se e apontando o francez indicou: Permite que fiquemos sós? O creado espera-lo-ha no corredor.

—Não vejo nisso inconveniente exprimi, num assentimento; e ficamos realmente sós.

—Então o Barão * * *, caiu sobre um «mapple» e com a cabeça entre as mãos fez a confissão horrivel.

Sim, era ele o culpado. Tinha tentado nessa tarde mais um rapto. Em Londres em Berlim, em Roma, durante os cinco anos de ausencia, mil aventuras tinha desse genero.

Em Portugal mesmo, em dois mezes desgraçara quatro ou cinco raparigas, duas das quais haviam apresentadas queixas, no Porto. Na estrada de Coimbra de madrugada, praticára um estupro infame.

—«Chegou a hora finalmente, acrescentou. Esperava-o já. O senhor é apenas a prevenção. A prevenção da hora inexoravel, a que ninguem foge.

Podia ter sido feliz—não o quiz o destino. Ha muito que me suicidei para a verdadeira vida.

Estes ultimos cinco anos foram apenas o grande sono que antecede o sono eterno.

Estou preso não é verdade?

—Está preso, disse, erguendo-me.

—Quer fumar? Fume por esta boquilha—é a minha recordação . . .

Depois, tirou ele proprio um cigarro e, do bolso das calças, rapidamente nma fosforeira negra . . .

Simplesmente levou a «fosforeira» demasiado aos labios e um tiro seco estalou-lhe no ceu da boca... Pôde ainda no estertor articular:

«Enterrem-me com essa mascarilha...»

* * *

Sahi do Palace impressionadissimo. Achei até inutil requisitar a captura do cumplice. A sua fortuna ficou inteira nas casas de caridade do Rio de Janeiro.

E eu guardo do estranho Barão* * *, esta boquilha de ambar . . .

O Homem que passa

NO CINEMA

NORMA TALMADGE, a triunfadora do belo film «Coração Vence» do programa do «Cinema Condes».

As Belas Artes

Auto caricatura da ilustre pintora D. Maria Adelaide de Lima Cruz, que expõe com muito sucesso na galeria «Bobone».

NO CINEMA

EDUARDO ROMÉRO, o artista-gentleman, nosso compatriota que triunfou num dos mais dificeis papeis da super-produção «Koenigsmark», exibido entre nós com um sucesso colossal.

ARTISTAS PORTUGUESES NO ESTRANGEIRO

A ilustre artista portuguesa, Maria Amelia da Fonseca Lebre, que com nome de Ivette Beller acaba de filmar na casa Gaumont, tendo já percorrido algumas cidades como bailarina classica, obtendo o maior exito.

Actualidades no Teatro

A ilustre mestra de teatro, Maria Matos, e sua filha, a novel e já distincta actriz Maria Helena, que por estes dias se estrearão em Lisboa no teatro Avenida, onde farão uma temporada de comedia, drama e farça, com a sua brilhante companhia a qual acaba de fazer uma "tourneé" triunfal pela provincia.

PUBLICIDADE

A MARCA PREFERIDA PELOS CONHECEDORES. — CENTENAS DE REFERENCIAS. — STOCK COMPLETO DE SOBRESELENTES PARA ESTES CARROS.

C. SANTOS, L.DA

R. NOVA DO ALMADA, 80, 2.º
LISBOA

Brevemente

A novela do DOMINGO

LEITURA FACIL
LEITURA ALEGRE
LEITURA PARA
TODAS AS CLASSES
LEITURA PARA
TODAS AS EDADES

MOBILIAS MAPLES

CARPETTES AOS MELHORES PREÇOS! DO MELHOR FABRICO!

ARMAZENS OLAIO
36, RUA DA ATALAIA, 40
LISBOA

Fotografia AMERICA

OS RETRATOS MAIS CHICS
RUA DO REGISTO CIVIL, 6, 1.º
(ao Intendente)
LISBOA
TELEFONE N. 3029

Tapeçarias de Traz-os-Montes (URROS) L.DA

BREVEMENTE GRANDE EXPOSIÇÃO DOS PRIMEIROS PRODUCTOS DESTA NOVA FABRICA DE TAPETES E ESTOFOS. DESENHOS E FABRICO INTEIRAMENTE DIFERENTE DAS VULGARES TAPEÇARIAS REGIONAIS

FOTO ESTEFANIA

L. D. Estefania, 11
LISBOA

ATELIER ABERTO DAS 9 ÁS 18 EXCEPTO ÁS SEGUNDAS FEIRAS. EXECUÇÃO PERFEITA EM TODOS OS TRABALHOS A PREÇOS SEM COMPETENCIA. ESPECIALIDADE EM AMPLIAÇÕES, REPRODUÇÕES E ESMALTES VITRIFICADOS, ETC., ETC.

O A B C-ZINHO É O UNICO JORNAL DAS CREANÇAS PORTUGUESAS.

PAPELARIA CAMÕES

FORNECIMENTOS PARA A PROVINCIA, EM OTIMAS CONDIÇÕES DE TODOS OS ARTIGOS DE PAPELARIA, ARTE APLICADA E PINTURA

P. Luiz de Camões, 42 — LISBOA

Pastelaria QUINTA

Grande sortido de cartonagens para brindes — Amendoa francesa — Fabrico esmerado de todos os artigos de confeitaria e pastelaria — Conservas de frutas — Secção de chá e café.

TELEFONE N. 1267
39 — RUA PASCOAL DE MELO — 53
LISBOA

DR. ANTONIO DE MENEZES
Ex-assistente do Instituto para creanças aleijadas em Berlim-Dahlem

ORTHOPEDIA

Rachitismo — Tuberculose dos ossos e articulações — Deformidades e paralysias em creanças e adultos
ÁS 3 HORAS
AVENIDA DA LIBERDADE, 121, 1.º - LISBOA
TELEF. N. 908

AOS PAIS! AOS FILHOS!

O melhor presente são os quadros da *HISTORIA DE PORTUGAL*, evocação das nossas grandesas passadas, tricromias sobre aguarelas dos grandes artisticas ROQUE GAMEIRO E ALBERTO SOUSA

EDIÇÕES PAULO GUEDES

QUER CONHECER ALGUMA COISA DE ESTILOS DE ARTE

LEIA OS ELEMENTOS DE HISTORIA DA ARTE

DE LEITÃO DE BARROS

4.ª edição á venda.

O DOMINGO ILUSTRADO

Aceita agentes em toda a parte onde os não haja

O melhor vinho de meza é o COLARES BURJACAS

BANCO NACIONAL ULTRAMARINO

SOCIEDADE ANONIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

BANCO EMISSOR DAS COLONIAS

SÉDE: — LISBOA, RUA DO COMERCIO
AGENCIA: — LISBOA, CAES DO SODRÉ

CAPITAL SOCIAL	CAPITAL REALISADO	RESERVAS
ESC. 48:000.000$00	ESC. 24:000.000$00	ESC. 34:000.000$00

FILIAIS E AGENCIAS NO CONTINENTE: — Aveiro, Barcelos, Beja, Braga, Bragança, Castelo Branco, Chaves, Coimbra, Covilhã, Elvas, Evora, Extremoz, Famalicão, Faro, Figueira da Foz, Guarda, Guimarães, Lamego, Leiria, Olhão, Ovar, Penafiel, Portalegre, Portimão, Porto, Regoa, Santarem, Setubal, Silves, Tomar, Torres Vedras, Viana do Castelo, Vila Real Traz-os-Montes, Vila Real de Santo Antonio e Vizeu.

FILIAIS NAS COLONIAS:
AFRICA OCIDENTAL: — S. Vicente de Cabo Verde, S. Tiago de Cabo Verde, Loanda, Bissau, Bolama, Kinshassa (Congo Belga) S. Tomé, Principe, Cabinda, Malange, Novo Redondo, Lobito, Benguela, Vila Silva Porto, Mossamedes e Lubango.
AFRICA ORIENTAL: — Beira, Lourenço Marques, Inhambane, Chinde, Tete, Quelimane, Moçambique e Ibo.
INDIA: — Nova Gôa, Mormugão, Bombaim (India inglesa).
CHINA: — Macau.
TIMOR: — Dilly.

FILIAIS NO BRASIL: — Rio de Janeiro, S. Paulo, Pernambuco, Pará e Manaus.
FILIAIS NA EUROPA: — LONDRES 9 Bishopsgate E — PARIS 8 Rue du Helder.
AGENCIA NOS ESTADOS UNIDOS: — New York, 93 Liberty Street.

OPERAÇÕES BANCARIAS DE TODA A ESPECIE NO CONTINENTE, ILHAS ADJACENTES, COLONIAS, BRAZIL E RESTANTES PAIZES ESTRANGEIROS

O DOMINGO ilustrado

ASSINATURAS
CONTINENTE E HESPANHA
ANO - 48 ESCUDOS —
SEMESTRE — 24 ESC. —
TRIMESTRE — 12 ESC. —

ASSINATURAS
COLONIAS
ANO, 52$20 - SEMESTRE, 26$10
ESTRANGEIRO
ANO, 64$64 - SEMESTRE, 32$32

NÃO FAZ CAMPANHAS ~ PUBLICA TODA A RECLAMAÇÃO JUSTA ~ NÃO TEM POLITICA

A BOMBA!

É assim que em nome dum grande ideal, se mata gente inofensiva. As explosões de bombas sucedem-se não só em Lisbôa, mas no Porto e na provincia. A terrivel e cobarde arma surprehende á esquina o mais inocente transeunte e enche de luto e de lagrimas os lares mais tranquilos.